

# CADERNO 2



O homem e a mancha

Última peça de Caio Fernando Abreu estreia sexta no Rio. Pág. 4



'Riacho Doce' será 'Beladona'

A obra de José Lins do Rego é tema do novo filme de Fábio Barreto. Pág. 10

ANO IX NÚMERO 3.620 □ SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 1997

## Zelito Viana filma a vida de Villa-Lobos



BVDA/Brasil Verde

Depois de 20 anos de espera, o cineasta começa a rodar no segundo semestre o longa-metragem que leva o nome do compositor das 'Bachianas', com Antônio Fagundes, Marcos Palmeira e Glória Pires no elenco

BEATRIZ VELLOSO

Tom Jobim disse certa vez que "o Brasil não entendeu nada de Villa-Lobos". Mário de Andrade declarou que a "falta de lucidez" salvou o autor das *Bachianas* e *O Trezininho do Caipira*. O escritor Menotti Del Pichia cunhou-lhe o apelido de "índio de casaca". E o próprio maestro garantiu: "O folclore sou eu." De fato, muito pode ser dito sobre Heitor Villa-Lobos: ele foi mesmo uma das figuras mais controversas e interessantes da história do País. O desafio — e a intenção — do cineasta Zelito Viana é abarcar todos os tons da personalidade do compositor no filme *Villa-Lobos*, que começa a rodar no segundo semestre com Antônio Fagundes, Marcos Palmeira (filho do diretor) e Glória Pires no elenco.

A idéia é aproveitar a efeméride dos 110 anos de nascimento de Villa-Lobos. Mas a homenagem não foi proposital: Viana certamente teve muito tempo para amadurecer o roteiro do longa. O projeto de filmar a trajetória do compositor já ferve há mais de 20 anos na cabeça do diretor — cujo trabalho mais recente em cinema é *Avaieté, Semente da Vingança* (1986), sobre um massacre de índios (mais recentemente ele produziu *Veja Esta Canção*, de Cacá Diegues, e a premiada série de televisão *Confissões de Adolescente*). Numa ocasião, ele até sugeriu a Gláuber Rocha que comandasse a empreitada. "Não quero dirigir um filme sobre Villa, quero ser Villa", foi a resposta que ouviu.

Em 1989, Zelito Viana chegou a ter nas mãos um contrato assinado para rodar *Villa-Lobos*. Na época, o presidente era Fernando Collor. "Acho que aquela única ba-

la que ele dizia ter para acertar na inflação acabou matando o cinema nacional", brinca. Seu projeto foi uma das vítimas. E, se agora vai finalmente virar realidade, o longa será fruto de mais uma daquelas ironias recorrentes no país que tanto inspirou Villa-Lobos. Parte do dinheiro necessário para a realização do filme será captada no Exterior.

O produtor americano Joseph Dial, da Film Commission do Texas, se interessou pelo roteiro escrito por Viana e Joaquim Assis (e retrabalhado por Syd Field, consultor responsável pelos roteiros de *Como Água para Chocolate*, *Nos Bastidores da Notícia* e *A Missão*). Dial topou co-produzir o filme e fica incumbido de recolher metade dos US\$ 5 milhões orçados para a produção.

Zelito Viana vai arrecadar os US\$ 2,5 milhões restantes por aqui, por meio das leis de incentivo. "A Petrobrás vai patrocinar e o Banco do Brasil vai ajudar na captação", diz o diretor. Animado com o novo fôlego do cinema nacional, Viana aposta também na boa aceitação do filme lá fora. "Estou trabalhando com um personagem que todo mundo sabe quem é."

Para escrever o roteiro, Viana passou dez anos mergulhado na vida de Villa-Lobos. Conhece de cor o acervo do museu do compositor, no Rio, que freqüentou religiosamente nos últimos cinco anos; esteve na França e nos Estados Unidos entrevistando pessoas que conviveram com Villa; foi a Cuba falar com a viúva do escritor Alejo Carpentier, amigo do maestro da época em que os dois estiveram em Paris (na década de 20) e conversou várias vezes com a segunda mulher do compositor, Ar-

minda, que o marido chamava de Mindinha.

O resultado é uma "viagem pelo cérebro de um criador", de acordo com Zelito Viana. O enredo vai se desenrolar durante um concerto em homenagem a Villa-Lobos, com o compositor já velho. Durante a apresentação, ele vai se lembrando de passagens de sua vida. Mas que não se pense num filme com a estrutura tradicional dos flashbacks: "Demos a ele um formato diferente", garante. *Villa-Lobos* será guiado pela música.

A mistura de lembranças rápidas com longos episódios de sua vida vai refazer toda a história do compositor, desde a sua infância. Villa-Lobos nasceu no Rio, em 1887. Era filho de um músico amador e desde pequeno escapava de casa para ouvir samba e choro (e jogar sinuca) nas rodas boêmias da cidade, no início do século. Foi também por essa época que decidiu se embrenhar pelo interior do País, recolhendo melodias e canções folclóricas brasileiras para usar em suas composições.

Na Semana de Arte Moderna de 1922, apresentou seu *Quarteto Simbólico* e recebeu uma chuva de vaias. "Isso não é música", disseram na época. Ele não se abalou. Ficou no Brasil até 1924, quando seguiu para Paris. Saiu do avião declarando: "Não vim aqui para estudar, são vocês que vão aprender comigo."

De volta na década de 30, iniciou-se um dos capítulos mais discutidos da vida do compositor: seu envolvimento com o Estado Novo de Getúlio Vargas. Villa assumiu cargos oficiais, aproveitando-se deles para levar adiante sua maior utopia, a de educar as pessoas com a música. "Pelos minhas pesquisas, ficou claro que a participação dele no Estado Novo não teve a dimensão que se dá ao fato", acredita Zelito Viana. "Villa queria mesmo era fazer música e vou deixar isso claro no meu filme." Após o final da 2ª Guerra Mundial, Villa-Lobos foi com freqüência aos Estados Unidos. Descobriu que estava com câncer em 1949 e morreu em 1958, aos 72 anos. Adorava crianças, mas não podia ter filhos.

Viana vai ter Marcos Palmeira interpretando o jovem Villa-Lobos, Antônio Fagundes como o maes-



Fagundes: o maestro adulto



Palmeira: o jovem Villa-Lobos



Glória Pires: a primeira mulher



Renata Jubran/AE - 17/4/94

O diretor Zelito Viana realiza um sonho: pesquisa detalhada durou dez anos, para resultar em "uma viagem pelo cérebro de um criador"

tro adulto e Glória Pires como sua primeira mulher — de quem ele nunca se separou legalmente. "Ainda não encontrei a atriz para fazer d. Mindinha, tem de ser uma mulher jovem, bonita e loira", diz Viana. O roteiro que amadureceu durante anos vem para deixar ainda mais explícitas todas as controvérsias em torno dessa figura. "A personalidade de Villa misturava vários opostos: enérgico e frágil; sensível e bruto; entediante e engraçado; feliz e infeliz", enumera o diretor. "Ele abraçou tudo."

Mesmo com a extensa pesquisa que deu origem ao roteiro, Viana

esclarece que há ficção no filme. "O Villa aparece em absolutamente todas as cenas do filme e eu tive de imaginar as coisas que iam pela cabeça dele", diz. Parece natural: o que Villa-Lobos matutava, só ele mesmo sabia. "Ele e eu", ri o diretor. Mas, para Zelito Viana, não é difícil adivinhar o que o compositor pensava. "Ele criava e ouvia música permanentemente, tanto que deixou aí essa obra gigantesca." E as melodias eram tão presentes na rotina de Villa-Lobos que permitem até o exagero do cineasta: "Acho que ele não conseguia nem atravessar a rua."

Para filmar *Villa-Lobos*, Viana vai ter de ir um pouco mais longe. Haverá cenas em Paris e Los Angeles, além do Rio. E, é claro, em alguma floresta que recrie a Amazônia. Nas 11 semanas previstas para as filmagens (o lançamento deve ser nos primeiros meses de 1998), vai surgir um filme sobre "a força de um criador, sobre a obsessão de um homem que queria fazer música erudita no Brasil na década de 20". A julgar pela obstinação de Zelito Viana em realizar seu filme, pode-se dizer que ele e Villa têm alguns traços semelhantes. O cineasta concorda: "Como ele, também sou um apaixonado pelo País."

Em sua luta para educar e difundir a música, Villa-Lobos venerava o veículo de sua época, o rádio — não trabalhava sem um aparelhinho ao lado — e chegou a reger um coral de 40 mil pessoas dentro de um estádio. Ficaria fascinado se soubesse o alcance que sua obra vai ter no cinema, quando chegar às telas pelas mãos de Zelito Viana (ainda mais numa coprodução com americanos). Mas talvez Villa tivesse a certeza, em sua falta de lucidez, de que o valor de sua obra seria reconhecido, mesmo que tardiamente. Afinal, em mais uma de suas declarações de efeito, ele disse: "Faço música como se fossem cartas para a posteridade." E a posteridade está mostrando que ele tinha razão.